

Pela Irresponsabilidade

21. IX. Total 56

Raul Pilla

MUITO se fala agora em responsabilidade neste país.

Dir-se-ia que somente agora a descobriram e que uma nova consciência se está formando entre os homens públicos. O presidente da República, os seus ministros, os seus representantes no Congresso, todos batem nesta tecla. A responsabilidade parece tornar-se a nota tónica em nossa vida pública.

Fenômeno promissor — dirá o observador ingénuo. Pois não é a irresponsabilidade o grande mal da vida nacional? Não anda ela por todos os degraus da escala, desde o presidente da República até o mais modesto servidor municipal?

Nada haveria que opôr a tal raciocínio, se a responsabilidade por que se clama fôsse a dos que exercem uma parcela de poder. Quem não a desejaria? Mas não é disto que se trata. Disto não querem saber, como o demonstra claramente o veto oposto à Emenda Parlamentarista. Não. A responsabilidade que ora se está exigindo, mais do que reclamando, é a dos jornalistas. Estes, somente estes é que deverão pagar por seus erros e abusos. A irresponsabilidade contra a qual se brada é exclusivamente a deles.

Contravirá, ainda o nosso ingénuo: a responsabilidade dos jornalistas, que exercem uma importante função de ordem pública, será o começo; depois virá naturalmente a dos depositários do poder.

Ora, a responsabilidade dos jornalistas já existe e efetivar-se ela depende apenas dos prejudicados. O que injuriar, caluniar ou difamar pode ser processado e condenado, como alguns têm sido. Que se pode desejar mais?

Quem tem a consciência tranquila mais não pode desejar. Mas nem todos a têm e, por isto, contraproducente pode ser o processo judiciário, em face de uma cláusula importuna, que se chama «exceptio veritatis». O processo poderá então confirmar, dando-lhes fé pública, as imputações do acusado.

Assim, se é responsabilidade o que se quer, quanto aos jornalistas está ela satisfatoriamente estabelecida. Restaria apenas estendê-la aos governantes. Será este o pensamento dos que estão agora a clamar por responsabilidade? Não, pois o que se quer com o arêcho da imprensa, que por eufemismo denominam responsabilidade, é, pelo contrário, tornar pacífica a inveterada irresponsabilidade em que se compraz o Poder Público neste país e neste regime.

Portanto, nada de recursos à Justiça, a qual sempre abre uma frincha por onde possa respirar a responsabilidade. A Polícia é mais cômoda e mais segura. A ela entregues os jornalistas, nenhum risco correrá a tranquilidade dos homens de governo.